

## A ESCRITA BIOGRÁFICA NA ANTIGUIDADE: UMA TRADIÇÃO INCERTA

Uiran Gebara da Silva\*

### RESUMO:

*O objetivo deste artigo é discorrer sobre a forma, os usos e os sentidos da escrita biográfica na Antiguidade. Busca investigar a validade de se afirmar a existência da Biografia e da Autobiografia na Antiguidade como gêneros literários específicos e entender seus potenciais e seus limites como representação das relações sociais.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Autobiografia. Biografia. História Antiga. Metodologia da História.*

Este trabalho apresenta uma investigação em torno da forma, dos usos e dos sentidos da biografia e da autobiografia na Antiguidade. Partimos de dois questionamentos fundamentais, que formulamos no sentido de mais bem desenvolver e explicitar algumas das dificuldades que envolvem o uso de biografias e autobiografias como documentação histórica em um sentido mais geral. Em primeiro lugar: pode-se falar de biografia e de autobiografia como um gênero literário, isto é, como um conjunto de convenções e lugares comuns utilizados na construção de um discurso escrito, no que diz respeito à Antiguidade? Em segundo lugar, e talvez o problema mais complexo: em que

\* Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: uirangs@hotmail.com.

medida esta forma de discurso escrito permite a apreensão dos acontecimentos e das relações sociais passados? O desenvolvimento destes questionamentos resultou em considerações que estão divididas da seguinte maneira: I) a tradição da biografia helenística e sua relação com as obras biográficas no Império Romano; II) a biografia como gênero e como representação histórica.

## **A BIOGRAFIA HELENÍSTICA E AS OBRAS BIOGRÁFICAS NO MUNDO ROMANO**

O empenho em construir uma história da escrita biográfica na Antiguidade, mesmo no caso de uma tentativa concisa como esta, invariavelmente conduz o pesquisador ocidental ao mundo helenístico – este ponto obrigatório de cruzamento pelo qual passa toda pesquisa histórica em torno deste recorte cronológico. E, como em qualquer investigação histórica, quando se inicia o trajeto em direção às origens, há sempre a possibilidade de se deparar com obstáculos e desvios que tanto podem ser instrutivos como perigosos. De início, pode-se questionar a própria pertinência do trajeto: buscar as origens para, a partir delas, estabelecer uma tortuosa linha de continuidade na qual se desenrolaria a evolução do fenômeno que pesquisamos (no nosso caso, a escrita biográfica e autobiográfica) é uma atividade desaconselhada por historiadores como Marc Bloch (2001, p. 56). Outro perigo é a sempre presente tentação de identificar no mundo helenístico – ou, mais exatamente, nos seus representantes mais “ocidentais”, os gregos – as raízes ou fundamentos da individualidade humana vivenciada na cultura moderna, ocidental e capitalista. Este, talvez o mais problemático dos relacionamentos entre presente e passado colocados por esta empreitada. Mas, afinal, obstáculos, desvios e perigos são inerentes ao processo de construção de um discurso historiográfico.

O perigo do desvio “em busca das origens” está presente nos pressupostos metodológicos que animam as tentativas de desenvolver uma visão das continuidades da tradição da escrita biográfica na Antiguidade, já que este empreendimento resulta em traçar aquela linha tortuosa, saindo do período clássico da história grega e chegando à Gália do século V d. C.. O recorte estabelecido para o estudo de nosso objeto pressupõe um ponto de início e talvez um ponto final nesta linha. Procurar estabelecer um ponto inicial seria adentrar o desvio relativo às origens. Assim, ao invés de estabelecer “origens”, este estudo se contentará em adotar, como ponto inicial de investigação, as

primeiras manifestações documentadas do discurso biográfico, como será desenvolvido adiante.

Quanto à tentação de encontrar o Ocidente e a modernidade na Grécia Antiga, esta pode ser realizada, retornando à analogia geométrica, a depender do *locus* que for estabelecido como o ponto final daquela linha duvidosa. Como nosso recorte se estende apenas até o período denominado Antiguidade Tardia,<sup>1</sup> poderia se pensar que este desvio seria facilmente evitado. No entanto, não se supera uma construção ideológica dessa magnitude (“as raízes clássicas do Ocidente”) apenas manipulando o recorte do tema. O desvio já está presente no próprio uso da palavra biografia, que apesar da traiçoeira grafia grega, não é o termo utilizado pelos antigos para se referir a tal tradição discursiva. Especificar os termos que eram correntes nos textos pesquisados será útil para estabelecer algumas precauções contra a tentação de ocidentalizar esta tradição, fixando um grau mínimo de alteridade na pesquisa.

Portanto, ao se buscar responder à pergunta: “como os antigos definem biografia?” não é possível se prender ao uso estrito dos termos. A palavra “biografia” só foi utilizada pela primeira vez no século V d. C. e “autobiografia” apenas no final do século XVIII. Mais do que tratar da investigação sobre as formas de escrita denominadas “biografia” ou “autobiografia” – denominações modernas –, este artigo trata dos tipos de narrativa em prosa da Antiguidade que se aproximam destes gêneros de escrita moderna.

Dentre as tradições antigas de escrita que costumam ser identificadas, pela bibliografia especializada, com o termo “biografia”, pode-se destacar: o *bios* (ou *de vita sua*, em latim) que, como será destacado adiante, exhibe diferenças consideráveis em relação à noção moderna de biografia; o *encomium*, forma de discurso escrito com certas proximidades e importantes distâncias em relação ao *bios*; as *hypomnemata*, que estariam para a autobiografia assim como o *bios* está para a biografia. Contudo, os historiadores modernos, infelizmente, nem sempre são rigorosos na observação destas distinções e, com frequência, vertem estas diferentes tradições textuais antigas pelo moderno conceito de biografia.

A afirmação de uma tradição única, que iria do mundo helenístico ao mundo romano tardio, supõe uma seqüência de desenvolvimentos, de recusas e débitos dos escritores entre si, nos estilos e nas formas convencionais da escrita, que somente poderia se comprovar mediante o confronto direto dos textos

---

<sup>1</sup> Não discutiremos, aqui, o mérito da vastíssima discussão a respeito da denominação mais adequada ao período histórico compreendido entre os séculos III d.C. e VIII d.C.

antigos. No entanto, este confronto não é plenamente possível. Pouquíssimos manuscritos restaram da época helenística. É claro, esse não é um problema documental exclusivo do estudo das biografias, e sim de todos os estudos históricos relacionados com a Antiguidade. Porém, ele é particularmente agudo nesse caso.

Para o estudo da história da biografia, esta situação impõe sérios problemas, uma vez que os primeiros textos completos que o pesquisador moderno dispõe são os de Cornelius Nepos e de Nicolau de Damasco, no século I a. C., época do domínio romano do Mediterrâneo. Ambos escritos por autores gregos, porém, em latim (MOMIGLIANO, 1993, p. 8-9). E os grandes modelos com os quais lidamos são ambos do primeiro século depois de Cristo: Plutarco e Suetônio. Os textos helenísticos que poderiam ser inseridos na tradição de escrita denominada *bios* não sobreviveram como vestígios do passado; sabe-se da sua existência graças a citações indiretas em outros autores. Aristoxenus, Hermippus, Satyrus, os biógrafos no século IV a.C. ligados à escola peripatética, por exemplo, foram citados em obras posteriores, como Plutarco, ou mesmo São Jerônimo (MOMIGLIANO, 1993, p. 73).

Desde que se fundou a moderna noção de pesquisa histórica, ou seja, a partir do século XIX, muito do que se estudou a respeito da escrita antiga da biografia buscou, de um jeito ou de outro, reconstruir estas linhas de continuidade. Traçar o caminho de desenvolvimento desta tradição de escrita é um dos pré-requisitos para responder o questionamento a respeito da biografia como gênero na Antiguidade. Essa historiografia sobre biografia antiga tem um ponto de partida teórico e metodológico muito relevante: o dos estudos clássicos alemães do século XIX. Ter isso em mente auxilia a entender os rumos dessa historiografia, uma vez que estes estudos clássicos têm como pano de fundo o desenvolvimento da filologia contemporânea e a sistematização e compilação em série dos manuscritos antigos e medievais para seu uso como documentação histórica. É a partir, portanto, da observação deste esforço de reconstrução que é possível fazer a investigação daquela linha de continuidade.

Quando, em 1968, Arnaldo Momigliano realizou suas conferências a respeito da biografia grega (MOMIGLIANO, 1993, p. 105), se propôs responder a alguns problemas que os principais estudiosos da biografia antiga lhe tinham suscitado. Momigliano estava respondendo diretamente às formulações de

Friederich Leo, criticando a sua tentativa de encontrar em autores helenísticos, mais especificamente na escola peripatética, os dois modelos de biografia romana, o de Plutarco e o de Suetônio, consolidados no período do Império Romano. Momigliano mostrou a dificuldade de traçar tal continuidade, se esta for pensada apenas em conexão a estes tipos específicos de escrita biográfica (pode-se arriscar a escrever, em vez de tipos, gêneros diferentes de biografia helenística). Em suas conferências, o historiador italiano apontou a complexidade do cenário, mesmo se o pesquisador, abstraindo-se das implicações modernas do termo biografia, tivesse como foco estritamente o processo de transmissão dos modelos de escrita e de prática de investigação dos autores antigos.

No bojo desta crítica, Momigliano desenvolveu uma série de argumentos pertinentes para a discussão que propomos aqui.

Em primeiro lugar, a distinção entre biografia e história. Para o homem moderno, todo discurso biográfico se insere dentro do ramo disciplinar da História. As histórias das vidas singulares são entendidas como parte integrante de uma concepção de história universal, inseridas como ponto de vista subjetivo ou individual dentro do desenrolar da história da sociedade onde vive. Narrar uma biografia é narrar este ponto de vista. E o tipo de estudo que se desenvolve para a construção de uma biografia moderna tem a forma do estudo da pesquisa histórica moderna, ou seja, o sentido da construção biográfica, seja ele alcançado ou não, é a verdade sobre esta trajetória de vida.

Para a Antigüidade helenística não era exatamente assim; a descrição biográfica não era necessariamente considerada histórica. Uma das razões é que a concepção de História era mais limitada, ou, antes, mais ampliada. Fundamentada a partir das concepções subjacentes aos modelos de Heródoto e Tucídides, a narrativa historiográfica tinha como objetivo a apreensão dos acontecimentos vividos pelos homens. Consistia no processo de investigação da memória social, a partir de várias possibilidades de registros empíricos, e, isto é fundamental, de sua transposição para a forma escrita.

Tanto Heródoto como Tucídides, para realizarem suas obras, desenvolveram seus próprios métodos de investigação e de estabelecimento da veracidade dos acontecimentos. Do ponto de vista das concepções de teoria da história da modernidade, parece, à primeira vista, um paradoxo que o autor mais atento à apresentação de suas fontes, Heródoto, seja também o que, ao

narrar os acontecimentos, menos constrangimento exhibe ao incorporar, em sua narrativa, explicações fabulosas; quanto a Tucídides, é também inquietante perceber que, ao mesmo tempo em que renega de forma explícita o fabuloso, se cala perante o procedimento de seleção entre as diferentes versões dos acontecimentos, entre a realidade e a mentira, estruturando seu proêmio “metodológico” em termos de uma retórica da heroicidade do empreendimento de investigação (Cf. MURARI PIRES, 1999, p. 277-292). Uma enorme distância separa o ateniense que escreveu a **História da Guerra entre Peloponésios e Atenienses** e o historiador que se tornou modelo de investigador “científico” perante as concepções modernas de História (Cf. MURARI PIRES, 2003).

Tanto no caso de Heródoto, quanto no caso de Tucídides, busca-se uma distinção com relação a narrativas memoriais correntes até então – a narrativa épica de Homero ou, indo além do mundo grego, os anais egípcios, elaborados como descrição de uma dinastia, das ações de um rei, ou de um imperador. Para os escritores gregos, a estruturação da narrativa deveria privilegiar, principalmente, o ponto de vista das ações de grupos e coletivos humanos, transcendendo as ações individuais (MOMIGLIANO, 1993, p. 40); enfim, deve descrever as ações de uma comunidade. O povo da Hélade, no caso de Heródoto; as diferentes cidades-Estado em que se dividam este povo da Hélade, no caso de Tucídides, são os protagonistas principais dos acontecimentos dignos de investigação e relato histórico.

Se na obra de Heródoto nota-se a preocupação em investigar povos não gregos, os “bárbaros”, em apresentar as diferenças entre estes e os gregos, o que resultava no delineamento de uma identidade dos gregos em relação de alteridade, Tucídides focaliza as relações entre os gregos e suas dissensões (MONTEPAONE, 1994). Em íntima conexão com essas duas perspectivas, em Heródoto verifica-se uma rica descrição das diferentes formas de expressão cultural, enquanto em Tucídides, uma concentração de foco na narrativa política e militar. É principalmente a partir do modelo tucidideano que a escrita da História assumiu um lugar de destaque como narrativa de acontecimentos políticos e militares (MOMIGLIANO, 2002, p. 72). É esta temática que se consolidou como característica das narrativas identificadas sob o nome de “história” na Antiguidade.

Feitas estas considerações, ainda que de forma sintética e esquemática, a respeito da tradição historiográfica na Grécia clássica, podemos, então, tratar

do ponto a partir do qual se constrói a distinção entre a biografia e a história. Desde que a escrita da história se caracteriza pela preocupação com agentes coletivos, entendidos, basicamente, como comunidades políticas, ainda que o historiógrafo se atenha, por vezes, a descrições de ações individuais ou mesmo a apresentação de pequenas biografias no interior de seu relato, prevalece a tendência a não supervalorizar o papel dos indivíduos no desenrolar dos acontecimentos, mas sim a ação coletiva, a ação dos gregos, dos bárbaros ou de cada *polis*. Some-se a isso a cada vez maior centralidade da política e das atividades militares, o que coloca progressivamente em segundo plano uma série de assuntos e temas na tradição helenística de escrita da História.

Dessa forma, ao contrário da concepção moderna, a biografia helenística se insere em outro ramo da escrita. A biografia estava muito menos próxima da história do que daquilo que Momigliano (2002, p. 95-99) chama de “antiquarismo”. Antiquarismo é um dos nomes utilizados para designar todo tipo de investigação e de produção de conhecimento a respeito de artefatos, objetos, fatos, acontecimentos, eventos, formas de cultura, que, por um lado, não se encaixavam nem nos limites precisos da história da guerra e da política, nem, por outro lado, na natureza especulativa da filosofia. Era uma forma de escrita descritiva e assumia nomes variados: antiquarismo, erudição, arqueologia, antiguidades. Essa categoria de escrita compilatória e sistemática não adquiriu o mesmo nível de dignidade, como forma de conhecimento, que a história.

Como já foi dito, a palavra comumente utilizada para denominar a descrição da vida de um indivíduo era *bios*; no entanto, este não era seu uso exclusivo. A palavra *bios* também podia ser usada para se referir a outras descrições ou narrativas, como o retrato de um povo inteiro. E a principal meta desta descrição era o esboço de um caráter, de uma personalidade, mesmo que essa personalidade fosse um corpo coletivo, como no caso da obra **Vida da Grécia** (MOMIGLIANO, 1993, p. 13-14). E é esse empenho da escrita do *bios*, realizar o delineamento de um caráter, que o aproxima do antiquarismo. Outra das características que aproximavam ainda mais o *bios* do antiquarismo era o uso de anedotas. Para a construção do discurso biográfico helenístico, além da descrição direta e da adjetivação, era comum a prática de seleção de pequenos episódios de vida, emblemáticos de uma ou outra característica de caráter daquele indivíduo biografado. Momigliano (1993, p. 75) afirma que esse uso das anedotas teria se consolidado no interior da escola peripatética,

no século IV. Embora seja de difícil comprovação, em função da inexistência de material empírico, nos parece lícito supor que o uso recorrente de anedotas, enquanto um dos elementos do *bios*, seria um indicativo da existência de um gênero biográfico helenístico.

Essa relação do *bios* com a filosofia, e, mais especificamente, com a escola de Aristóteles, estaria ligada ao sentido do desenvolvimento do caráter do personagem descrito. O *bios*, quando tratava de personalidades individuais, o fazia de forma diferente e possivelmente em oposição a um outro tipo de discurso, que também tinha como meta o desenho de um caráter específico: o *encomium*. Criado no seio da Retórica, este discurso buscava o elogio e a valorização da personalidade descrita, utilizando todas as técnicas e *topoi* possíveis, evitando acontecimentos e características pejorativos. O sentido de desenvolvimento do *bios* era o de se apresentar como uma forma neutra de descrição do caráter do indivíduo e, nesse sentido, podia se tornar matéria-prima para a investigação filosófica mais ampla, assim como para outras formas de compilação erudita.

Porém, este sentido atribuído à narrativa de *bios* se transforma depois do século IV a.C.. A partir de então, principalmente entre os séculos III e II, conforme se fortaleceram as monarquias na Grécia com o surgimento da potência macedônica e a perda de relevo das formações políticas autárquicas da Grécia clássica, mais importância assumiam os indivíduos singulares em posição de destaque no relato histórico e, assim, mais a biografia de reis se aproximava da história política e vice-versa (MOMIGLIANO, 1993, p. 193-197). Verifica-se, a partir de então, uma valorização do *encomium*, que é acompanhada pela perda do rigor, característico do *bios* peripatético, na investigação e na escrita (MOMIGLIANO, 1993, p. 109-110).

A investigação sobre a biografia grega não remete diretamente ao que se poderia chamar de autobiografia grega. A forma da escrita e da técnica investigativa que resulta no *bios* não era compartilhada por aqueles que escreveriam descrições ou narrativas sobre si mesmos. A forma modelar destas autobiografias está ligada às cartas sobre si e àquilo que se poderia chamar de memórias ou reminiscências (*hypomnemata*), as descrições das próprias lembranças. Portanto, o que, por vezes, a crítica moderna associa à idéia de autobiografia são formas de registro pessoal, como as *hypomnemata*, ou as *ephemérides*, espécies de diários, que exprimiam como tema o mesmo



que a autobiografia moderna: a prática de registro da própria vida do escritor. Inicialmente distinguindo-se, no período helenístico, *hypo mnema*, enquanto registros pessoais, e *epheméris*, enquanto registros oriundos de situações de trabalho burocrático ou situações políticas. Esses dois tipos de registro, porém, não possuíam regras formais elaboradas e consolidadas, muito menos a perspectiva de publicação, e se constituíam muito mais em exercícios pontuais de escrita. Na avaliação de Momigliano (1993, p. 90-97), a distinção entre um e outro tendeu a desaparecer na escrita latina. E assim, pode-se afirmar a inexistência da autobiografia como gênero literário específico no mundo greco-romano antigo.

Uma forma de desenvolvimento dessa prática resultou nas reminiscências de reis e grandes líderes, que também se inspiravam na prática de escrita de reminiscências de deuses, encontradas em alguns templos (MOMIGLIANO, 1993, p. 91-92). O âmbito no qual se desenvolve este tipo de escrita é o do poder, o que, portanto, o aproximava da escrita da história e do *encomium*.

Como já adiantamos, não é objetivo deste trabalho reconstruir toda trajetória da escrita biográfica e autobiográfica no mundo antigo, dos gregos aos romanos. Pretende-se apenas esboçar suas características formais, de forma a que se possa responder às questões que propusemos no início deste artigo. Nesse sentido, uma pergunta mais precisa deve ser colocada agora: em que sentido essa tradição grega de escrita se manifesta nos dois modelos de biografia romana, Plutarco e Suetônio?

Do ponto de vista da forma de apresentação das personalidades descritas, verificam-se várias diferenças entre estes dois modelos. Enquanto Plutarco apresenta uma narrativa cronológica, Suetônio faz uma descrição construída em torno da seleção dos episódios que melhor apresentam as características do indivíduo; pode-se dizer que propõe uma divisão temática de sua narrativa. Enquanto a escrita de Plutarco descrevia as características do biografado, desde criança até sua morte, e as comentava de forma a retirar lições sobre as suas virtudes e a sua moralidade, Suetônio apresentava o seu biografado de vários ângulos diferentes, de forma a criar uma imagem completa do seu caráter, sem emitir explicitamente seus julgamentos. No entanto, há uma semelhança importante: a noção de personalidade de ambos é estática. A narrativa não apresenta um desenvolvimento da personalidade; não há uma gradual aquisição de valores e características. Mesmo em Plutarco – em

que, por sua narrativa organizada cronologicamente, esse desenvolvimento poderia ser esperado – já desde criança o biografado apresenta os sinais de seu futuro caráter (DELINE, 2005).

O cenário de desenvolvimento da biografia grega, tal como reconstruído por Momigliano, nos auxilia a identificar algumas de suas características que se mostram presentes nos escritores romanos. Encontramos em ambos, Plutarco e Suetônio, a descrição do caráter de um indivíduo, o uso de anedotas para realçar os traços deste caráter e, explicitamente em Plutarco que o faz na forma de uma recomendação textual, a diferenciação entre biografia e história. Essa característica é importante por expor a preocupação da escrita biográfica com a exposição de ações situadas no âmbito privado, em oposição ao âmbito público expresso nas narrativas historiográficas romanas. E, por último, da mesma forma que na biografia grega, o *bios* se opõe ao *encomium*; a biografia de personagens políticas em Plutarco e os césores de Suetônio são ostensivamente desmistificadores de suas figuras (MOMIGLIANO, 1993, p. 114).

Esse último elemento – o *bios*, em Plutarco e em Suetônio, como oposto ao *encomium* – é muito significativo, pois ressalta a singularidade destes modelos frente os panegíricos imperiais ou os relatos autobiográficos romanos, particularmente no que diz respeito aos escritos por figuras no poder, e que já desde a época da República eram construídos no sentido de glorificar a própria trajetória (MOMIGLIANO, 1993, p. 94). Essa oposição é importantíssima para a discussão realizada aqui, uma vez que ela estabelece que a diferenciação entre o *bios*, ou *de vita sua*, em relação ao *encomium* e ao panegírico, é que o primeiro teria como meta descrever o que seria a realidade das pessoas descritas e o segundo uma versão elogiosa e explicitamente pouco comprometida com a veracidade dos traços de caráter atribuídos aos indivíduos descritos.

Ao opor-se à prática que visa o elogio e a glorificação, a composição de *bioi*, em Plutarco e em Suetônio, pode, portanto, reivindicar a expressão da verdade como uma de suas características; como explicitou Plutarco, história e biografia distinguem-se porque uma diz respeito às questões públicas, outra aos acontecimentos privadas. Ou seja, a diferença entre os dois discursos escritos não se dá no plano da oposição entre veracidade (do relato historiográfico) e a não veracidade (do relato biográfico) (SILVA, 2002, p. 34). Ao contrário do que se costuma apontar citando Plutarco, o *bios* tem em consideração uma investigação da realidade das vidas descritas. A factibilidade ou não de tal projeto é outra questão.

## **A BIOGRAFIA COMO GÊNERO E COMO REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA**

Pelas considerações anteriores, poderíamos, então, definir a escrita biográfica enquanto gênero caracterizado pela narrativa da vida e descrição do caráter de um indivíduo. E, como ocorre com praticamente todos os gêneros de discurso correntes no mundo antigo, a biografia, embora possa ser identificada como gênero específico, mantém com outros tipos de discurso relações mútuas e fronteiras que nem sempre se mostram nítidas.

E no interior do próprio gênero biográfico se verificam, de um autor a outro, distinções significativas quanto ao princípio de estruturação do discurso (narrativo-cronológico ou descritivo-temático); ao maior ou menor uso de anedotas (ou episódios de vida); à explicitação (ou não) de julgamentos, positivos ou negativos, da parte do biógrafo, a respeito do caráter do biografado; ou, ainda, quanto à maior ou menor aproximação da narrativa aos tópicos discursivos característicos da historiografia.

O recurso às anedotas, um elemento sempre presente no processo de desenho do caráter do biografado, é um parâmetro central para se analisar o uso da biografia como documentação histórica. A escrita da biografia, em sua tradição helenística ou romana, tem como objetivo central a reconstituição de uma personalidade, de um caráter. Neste sentido, tenta ser uma forma de construção de conhecimento. Ao se assumir que os escritores de biografias na antiguidade se pautavam pelo recurso recorrente às anedotas, costuma-se inferir que tais biografias seriam coletâneas de lugares-comuns. E estes lugares-comuns, conforme fossem utilizados para resultar neste ou naquele efeito na apresentação do caráter do biografado, aproximariam a escrita biográfica da retórica<sup>2</sup> e, portanto, do *encomium*. Os biógrafos renascentistas, por exemplo, não tiveram muitos escrúpulos nesse sentido e recorreram às anedotas que encontravam nos escritos antigos, usando-as como *topoi* retóricos para falar de biografados modernos. A biografia renascentista utilizou as anedotas de maneira livre, ilustrando as personalidades descritas com eventos que, originariamente, estavam associados a outros indivíduos (Cf. BURKE, 1997).

Maria Aparecida de Oliveira Silva, em seu estudo sobre as biografias espartanas de Plutarco, argumenta que se deve distinguir, por um lado, a

<sup>2</sup> Essa diferença entre história e retórica se mantém numa tradição romana, baseada em Cícero, voltada para o *encomium*. As duas formas de escrita se entremeciam um pouco se o referencial para Retórica for o de Aristóteles e Quintiliano. Cf. Carlo Ginzburg, “Sobre Aristóteles e a História, mais uma vez” (GINZBURG, 2002, p. 47-63) e “Lorenzo Valla e a doação de Constantino” (GINZBURG, 2002, p. 64-79).

presença, ou a função, de estruturas retóricas em obras escritas destinadas a um público reduzido – como é o caso da biografia e da história na Antiguidade (Cf. STARR, 1987) – e, por outro lado, o papel de estruturas retóricas na composição de estratégias de persuasão que são essenciais para discursos destinados à oralidade, como a oratória ou o *encomium* (SILVA, 2002, p. 25-26). E a autora termina por demonstrar que Plutarco, por exemplo, se dedicava a pesquisas empíricas no intuito de reconstruir os episódios de vida dos indivíduos por ele retratados.<sup>3</sup>

Portanto, um autor importante na tradição de escrita biográfica antiga buscava, em alguma medida, referenciar-se na realidade. Ou, em termos mais amplos, a veracidade dos episódios que descrevem em suas biografias era assumida, por seus compositores, como uma virtude constitutiva de suas obras.

O caso de Plutarco nos permite explicitar as conseqüências de ordem metodológica, e quiçá epistemológica, das considerações anteriores relativas às concepções de individualidade presentes nas biografias antigas e, também, ao uso instrumental de uma biografia – se o grau de aproximação do discurso com a realidade, que se pode identificar nestas obras da Antiguidade, permite um tratamento histórico a partir dos critérios modernos de validade empírica.

Tanto com relação à concepção de individualidade, quanto ao grau de aproximação da realidade, as anedotas e suas relações com os possíveis *topoi* biográficos assumem uma centralidade na discussão. A primeira pergunta a ser feita é: a construção de um *topos* – a busca de um tipo, de uma convenção que possa expressar alguma característica ou faceta do biografado – não anula, em alguma medida, a suposição da existência de uma individualidade, de uma trajetória singular de vida? No caso de os autores antigos utilizarem as próprias anedotas como *topoi*, a forma de escrita da biografia se distanciaria do paradigma helenístico dos *bioi* e se aproximaria do *encomium*. E, nesse caso, a preocupação com o rigor na investigação fiel dessas anedotas perderia terreno para o seu uso com o objetivo de delinear um caráter típico do personagem. Desta forma, a noção de individualidade pressuposta se aproximaria daquela encontrada na Idade Média (GUREVICH, 1990, p. 364).

Contudo, não parece ser este o caso dos *bioi*. Há alguns pressupostos envolvidos no processo de seleção de momentos ou episódios, necessários para a construção do discurso biográfico antigo, que vão num sentido contrário.

<sup>3</sup> Para uma discussão da metodologia de Plutarco: SILVA (2002, p. 28-46). Para uma demonstração do trabalho de pesquisa empírica de Plutarco: SILVA (2002, p. 47-88).

Como os autores de *bioi* assumem a referência ao real como valor inerente a suas obras, não lhes seria possível a utilização das anedotas diretamente como *topoi*; as anedotas neste caso parecem ser supostas, pelo autor, como eventos reais e singulares. Sendo assim, estas biografias apontam para uma concepção de individualidade que entende o indivíduo como singular e único em seus caracteres e nos eventos de sua vida.

A existência da noção de indivíduo como criatura singular, cujas ações em si são também consideradas singulares – e que é importante, por exemplo, para o desenvolvimento da prática de escrita da história na Antiguidade, conforme se apreende da leitura dos textos de Tucídides e de Aristóteles –, não pode, evidentemente, ser confundida com a concepção de individualidade moderna, que transcende estes parâmetros no que diz respeito ao lugar do indivíduo e de sua singularidade no interior da sociedade. Se a individualidade que percebemos nos textos antigos se determinava sempre em uma relação de pertencimento a uma coletividade, a individualidade moderna se afirma, frequentemente, em uma relação de oposição às coletividades (LIPOVETSKY, 1989).

A afirmação da existência, nas narrativas biográficas antigas, de uma noção de singularidade nas ações e atitudes do indivíduo biografado, não é contraditória com o uso evidente de anedotas e nem com a utilização de outros *topoi* retóricos. Anedotas e *topoi* retóricos podem ser incluídos na narrativa a partir de episódios particulares e pesquisados empiricamente. Apresentar uma personalidade em sua particularidade pressupõe uma tipificação, um processo de abstração das experiências vivenciadas pelo indivíduo biografado. Pressupõe, nesse sentido, a existência social do indivíduo biografado, uma vez que aquelas ações singulares engendram na narrativa uma série de relações e papéis sociais recorrentes. Portanto, parece ser válido, quando se narra uma trajetória de vida ou se descreve um caráter singular, o uso de lugares de escrita, de fórmulas de enquadramento dos momentos da vida individual, sem que isso anule sua singularidade existencial. Um *topos*, por exemplo, recorrente nas biografias antigas e presente em Plutarco e em Suetônio, e que não anula esta noção de singularidade, remete a um padrão de narrativa que é derivado do tipo social do biografado, conforme seja ele rei, filósofo, poeta, profeta, guerreiro etc. (Cf. MOMIGLIANO, 1993, p. 104).

Assim, no que concerne ao uso das biografias antigas como documentação histórica, é possível apontar algumas conclusões. Em primeiro

lugar, na medida em que se constata, da parte dos biógrafos, uma preocupação com a representação da realidade, não é possível recusar, *a priori*, os episódios presentes nas narrativas biográficas. A utilização das informações presentes nas biografias, em termos de reconstrução factual do passado pelo historiador moderno, é possível. Ou seja, apontar as contradições entre os fatos apontados nas biografias e os relatados por outras fontes será parte do trabalho de crítica do historiador moderno. Se não é possível apreender os episódios descritos nos *bioi* como reconstrução do “que realmente aconteceu”, não se deve, por outro lado, negar a inserção das biografias no rol de fontes que permitem a construção de uma narrativa histórica.

Em segundo lugar, e talvez ainda mais fundamental para o uso da biografia numa pesquisa histórica, é a percepção de que as biografias apreendem relações e papéis sociais em sua construção. No processo de investigação em torno de indivíduos, de seus episódios de vida, ao buscar o delineamento de um caráter e sua transposição para a forma escrita, a biografia cristalizou o registro de um âmbito das relações sociais que não era contemplado pela pesquisa e pela escrita da História: o âmbito das relações consideradas privadas. O recurso à biografia permite, então, apreender certas relações sociais que estão ausentes dos registros do mundo público, ou dos registros normativos.

## THE BIOGRAPHIC WRITING IN ANTIQUITY: AN UNCERTAIN TRADITION

### ABSTRACT:

*This article objective is to present an initial research of the form, uses and significations of both Biography and Autobiography in Antiquity. It also aims to investigate the validity in stating the existence of Biography and Autobiography in Antiquity as literary genres and to understand theirs potentials and limits as social representations.*

**KEYWORDS:** *Ancient History. Autobiography. Biography. Methodology of History.*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, M. **Apologia da História ou O ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, P. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**, n. 19, p. 1-14, 1997.

DELINE, T. Ancient Biography. **Gateway**: An academic journal on the web. Disponível em: <<<http://grad.usask.ca/gateway/archive2.htm>>>. Acesso em agosto de 2005.

GINZBURG, C. **Relações de força**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

GUREVICH, A. I. **As categorias da cultura medieval**. Lisboa: Caminho, 1990.

LIPOVETSKY, G. **Era do vazio**. Lisboa: Antropos, 1989.

MOMIGLIANO, A. **The development of greek biography**. Cambridge: Cambridge University, 1993.

\_\_\_\_\_. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Bauru: Edusc, 2002.

MONTEPAONE, C.; IMBRUGLIA, G.; CATARZI, M.; SILVESTRE, M. L. (a cura di). **Tucidide nella Storiografia Moderna**. Napoli: Morano Editore, 1994.

MURARI PIRES, F. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ktēma es aiei* e a proximidade do silêncio tucidideano no século XX. **Anos 90**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 17, p. 87-109, 2003.

SILVA, M. A. de O. **Plutarco historiador**: uma análise das biografias espartanas. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). São Paulo, 2002.

STARR, R. J. The circulation of literary texts in the Roman world. **The Classical Quarterly**, v. 37, n. 1, p. 213-223, 1987.